



# MACABÉA

REVISTA ELETRÔNICA DO NETLLI  
ISSN 2316-1663

VOLUME 9, NÚMERO 3 | JUL-SET 2020

## **CONFIGURAÇÕES DO FANTÁSTICO EM *A ENFORCADA* *DA MATA DO CHARETA*, DE JAYME GRIZ**



### **FANTASTIC SETTINGS IN *A ENFORCADA* *DA MATA DO CHARETA*, BY JAYME GRIZ**

Ivson Bruno da Silva  
Universidade Federal da Paraíba, BRASIL

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR  
RECEBIDO EM 01/03/2020 ● APROVADO EM 11/06/2020

---

#### **Abstract**

This article aims to analyze the settings of the fantastic in the tale conto *A enforcada da mata do Chareta*, present in the book *O Cara de Fogo*, from Pernambuco writer Jayme Griz. From theoretical constraints on the fantastic in literature, since the postulations of Tzvetan Todorov, in the seminal book *Introdução à literatura fantástica*, to more contemporary readings on the genre, it was possible to recover the ways in which the supernatural can be critically perceived in literary texts. In the grizian narrative, set in the Zona da Mata Sul of Pernambuco, the presence of an atmosphere and unusual beings corroborates to accentuate the beliefs of abuse and the transgression of the norms that organize and stabilize daily life. Throughout the text, a part of the Northeast is explored, where the mills are the stage for ghostly presences that cause fantastic effects on the characters and the reader.

---

**Resumo**

---

Este artigo objetiva analisar as configurações do fantástico no conto *A enforcada da mata do Chareta*, presente na obra *O Cara de Fogo*, do escritor pernambucano Jayme Griz. A partir de condicionantes teóricos sobre o fantástico na literatura, desde as postulações de Tzvetan Todorov, no livro seminal *Introdução à literatura fantástica*, a leituras mais contemporâneas sobre o gênero, foi possível reaver as formas como o sobrenatural pode ser percebido criticamente nos textos literários. Na narrativa griziana, ambientada na Zona da Mata Sul de Pernambuco, a presença de uma atmosfera e seres insólitos corrobora para acentuar as crenças de abusões e a transgressão das normas que organizam e estabilizam o cotidiano. Ao longo do texto, uma parte do Nordeste é explorada, onde os engenhos são o palco de presenças fantasmagóricas que provocam efeitos fantásticos nas personagens e no leitor.

---

**Entradas para indexação**

---

**KEYWORDS:** Fantastic literature. *O Cara de Fogo*. Jayme Griz.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura fantástica. *O Cara de Fogo*. Jayme Griz.

---

**Texto integral**

---

**INTRODUÇÃO**

O desejo mais ardente de um fantasma é recobrar pelo menos um sinal de corporeidade, algo tangível que o devolva por um momento à vida de carne e osso.

(Julio Cortázar)

Essa epígrafe, frase de autoria de Julio Cortázar, evidencia algo inerente aos espectros: não são seres oriundos do mundo empírico, mas anseiam algo dele. Isso indica a fronteira onde as assombrações se encontram, entre o conhecido e o desconhecido. Esse entre-lugar dos fantasmas é o mesmo ocupado pelo fantástico na literatura, em que o fenômeno insólito fabrica as estranhezas que se instalam entre a regra e a exceção, ou seja, no limiar das hesitações em relação às existências sobre-humanas. No Brasil, há diversos textos literários que se inserem nesse setor em que a realidade está sempre ameaçada por uma maneira deturpada de ser percebida, compondo um conjunto de criações da chamada literatura fantástica.

Em Pernambuco, ao tratar desse campo, frequentemente se pensa nos escritores Carneiro Vilela, em ***A Emparedada da Rua Nova***, e Gilberto Freyre, em ***Assombrações do Recife velho***, ambos demarcando em suas narrativas os fatos e seres insólitos que já fizeram parte do imaginário coletivo da cidade de Recife. Porém, no interior do estado, crenças de assombrações e almas de outro mundo

também se constituíram como marca da identidade cultural e imaginativa dos habitantes. São histórias de visagens que durante a noite atormentaram os engenhos e as pequenas vilas enganadas pela normalidade do cotidiano. Esse lugar ganha destaque nos contos do escritor Jayme de Barros Griz (1900-1981), cuja ambientação é a Zona da Mata Sul pernambucana, revelando uma ficção que se confunde com a realidade e traz as marcas do folclore, de mitos, de lendas e de crendices de abusões próprias da região.

O escritor nasceu na cidade de Palmares e seguiu os estudos da vida adulta na capital. Entre livros de poemas e ensaios, escreveu dois sobre assombrações: **O lobishomem da porteira velha** (1956) e **O Cara de Fogo** (1969). As narrativas revelam um Nordeste em que os banguês eram assombrados por espectros e possuíam uma atmosfera cercada pelos mistérios. Pessoa de Moraes, no prefácio da segunda obra citada, salienta que todos os contos procuram trazer a visão mística, amparada no fantástico, que foge do realismo convencional e se inclina para ouvir os velhos ecos das noites nordestinas, em que se escuta o grito efusivo dos fantasmas (MORAES, 1969, p. 13). Está nas páginas desses livros um mundo crível que, ao longo da leitura, passa a modificar a percepção de realidade do leitor.

Sobre esse universo que provoca a instabilidade do cotidiano, o conto **A enforcada da mata do Chareta**, presente em **O Cara de Fogo**, dará luz ao que se propõe este artigo: analisar as configurações do fantástico na narrativa griziana. As diversas percepções teóricas do gênero, desde Todorov, em **Introdução à literatura fantástica**, até às visões contemporâneas, iluminarão os alcances e as potencialidades de problematização dos acontecimentos e dos seres sobrenaturais que são o âmago do texto do escritor palmareense. Ademais, busca-se contribuir com uma leitura analítica da ficção do autor que, do século XX à atualidade, não obteve tanto destaque pela crítica literária.

## 1 TERRITÓRIO DE CRENÇAS E SINAIS SOBRENATURAIS

O cotidiano, intra e extratextual, pode dar sinais de incompatibilidade com as leis que organizam o mundo familiar e habitual. No conto **A enforcada da mata do Chareta** esses traços podem ser percebidos com clareza. Em síntese, a narrativa se inicia recuperando o ofício da personagem Zé Leandro como destilador nos engenhos. Durante a crise do açúcar e o declínio dos banguês, ele segue outros caminhos de labuta até chegar a Palmares e passar a trabalhar como comprador e vendedor de aguardente. Certo dia segue até outras cidades do interior pernambucano para tratar de seus negócios. Na volta ao lar, não há outro caminho senão passar pela mata do Chareta. Esse território, além de ser conhecido pelas costumeiras práticas de crimes, é dominado pelas histórias sobrenaturais, desde assobios misteriosos até a presença de abusões. Com seus cavalos, Leandro segue sua jornada noturna e em certo instante se depara com a assombração de uma mulher enforcada (GRIZ, 1969, p. 79-87).

Após esse resumo, em um nexos entre a literatura e o contexto social, vale a pena mencionar o quanto o cotidiano da personagem dialoga com a história da agroindústria canavieira de Pernambuco. Zé Leandro é marcado pela característica de uma rotina dos trabalhadores nos engenhos onde as atividades com o açúcar definiram a situação produtiva do interior do estado. No texto, diante da decadência dos banguês, ele é forçado a ir à busca de outros ofícios e acaba emplacando em algo que não se distanciou da antiga prática: o comércio de aguardente. A chegada à cidade das margens do Rio Una, Palmares, próspera nesse setor, lança-o em um momento de segurança e estabilidade que não conseguia devido à crise.

As circunstâncias do conto dialogam com a história de Pernambuco e seu título de principal produtor nacional de açúcar até o século XX. Segundo Manuel Correa de Andrade, no artigo **Espaço e tempo na agroindústria canavieira de Pernambuco**, desde o século XVI, o estado já investia na implantação de engenhos que fabricavam o açúcar bruto, a rapadura e aguardente, movidos no início à força humana e, posteriormente, à tração animal. Muitos escravos, antes e depois da oficial libertação, prestavam serviços gratuitos aos proprietários de terra. No fim do século XIX, com a modernização da indústria açucareira, exigiram-se melhorias na produção dos materiais comercializados e começou a ocorrer a decadência dos banguês e a instauração das usinas. A região da Zona da Mata foi o espaço onde esses fatos influenciaram a política e a economia do Nordeste (ANDRADE, 2001, p. 267-280).

O conto e grande parte da literatura de Jayme Griz são ambientados nessa espacialização de desenvolvimento da indústria do açúcar e da crise dos banguês. O realismo literário do escritor advém do elo que seus textos fazem com o fogo morto. De acordo com Calinício Silveira, o escritor deu uma grande contribuição aos engenhos do Nordeste e deslumbrou o espasmo diante das gigantes máquinas, abrindo esteiras ao progresso, que se definiu pela transição para às usinas, resultando na “caduquice do banguê” (SILVEIRA, 1969). Nesse cenário surgem as histórias fantasmagóricas que no conto analisado neste artigo oportunizam ver novas leituras sobre as assombrações do imaginário pernambucano.

Retornando ao texto literário, quando a personagem contribui com seus negócios de compra e venda de aguardente para o comércio das cidades do interior, ela volta pela mata do Chareta:

As tocaias, a mortes a tiros, facadas ou foçadas, eram, como se contava, ocorrências quase costumeiras ali. A mata, extensa e densa, verdadeira mata virgem, de caminho estreito e irregular, cheio de voltas, prestava-se bem à práticas de tais crimes, que de ordinário ficavam impunes pela impossibilidade de serem encontrados os culpados naquele antro. Às seis da tarde a mata já era escura. (...) Além dos assaltos de criminosos que por vezes infestavam aquele escuro mundo, havia, ainda, a tradição de abusões. Gritos que, como se dizia, eram ouvidos por quem passava sozinho na mata, de dia ou de noite: “Lá vai ele”, e outra voz

respondia do outro lado: “Deixa vir”... Assobios, tropelias de caiporas, gargalhadas dentro do mato. Tochas luminosas que acompanhavam os passantes noturnos que, enlouquecidos pelo medo, perdiam-se, às vezes, na floresta, de lá nunca mais saindo. Piados de corujas, ladrar de cães fantasmas, pisadas dentro da mata, com ramos e galhos se movendo como se houvesse gente andando dentro da brenha. E a enforcada da mata do Chareta (GRIZ, 1969, p. 82-83).

Percebe-se que o território em que Zé Leandro vai passar é marcado pela obscuridade e pelos mistérios de crimes e de assombrações. O lugar acompanha crenças que aludem ao receio em caminhar e seguir pela mata. Todo um clima sobrenatural é instaurado na narrativa para dar os sinais de que a normalidade naquele ambiente pode ser ameaçada por forças incompreensíveis aos olhos da razão. Os mecanismos ficcionais utilizados para referenciar os mistérios se baseiam em uma fantasticidade criada pelo texto para que se obtenham indícios de que a inexplicabilidade está presente no espaço. Os assobios, os ecos e as vozes estranhas são aspectos que antecipam o transtorno em que a personagem vai se deparar. Nesse sentido, o fantástico no conto, perceptivelmente, não é determinado apenas por uma aparição insólita no mundo familiar, mas todo um conjunto de efeitos que possuem uma relação conflituosa com o cotidiano.

A propósito dessa constituição de fenômenos que causam estranhamento, Filipe Furtado, em **A construção do fantástico na narrativa**, recupera fatores intrínsecos do fantástico. Ele enfatiza que um aspecto importante do gênero é a irrupção do sobrenatural e advoga sobre a necessidade de se acentuar formas de verossimilhança que falsificam as normalidades cotidianas. Os textos precisam criar modalidades de representação que se combina com componentes estéticos e não se resolve a antinomia entre o aparente real e o meta-empírico. A descrição do cenário e variados procedimentos formais fazem com que se liguem fatores do habitual e do inabitual para que uma das marcas da ficção fantástica aconteça, a ambiguidade (FURTADO, 1980, 80-126).

No conto griziano, toda a mata onde Zé Leandro passa é crível e faz referência ao mundo empírico, produzindo um realismo literário que ao poucos entra em ruína, devido aos acontecimentos insólitos. A personagem segue em uma ambientação que aparenta normalidade, mesmo possuindo uma reputação de efeitos assombrados. Aos poucos, a narrativa vai construindo procedimentos misteriosos e incógnitos que colocam em desacordo tudo aquilo que parece familiar. No fantástico, quando um local é conhecido pelas suas estranhezas, sempre há uma apreensão de caminhar por ele. Há uma incerteza em relação aos resultados e as consequências da ousadia de trilhar o percurso que pode revelar os limites de algumas seguranças cotidianas.

Rosalba Campa assegura que o fantástico se constitui em uma arquitetura. Trata-se de uma surpresa antes de realizações que respondem a diversas pautas culturais (CAMPRA, 2008, p. 19-20). Pensando nisso, no conto, as imprevisibilidades que surgem respondem a um efeito: demarcar que eventos corriqueiros podem fingir seus sinais de estabilidade. As indicações de que na mata do Chareta acontecem eventos insólitos produzem a incerteza antes da efetiva experiência

com os fatos. O local, construído em uma atmosfera obscura e imoral, pressupõe dois sentimentos, que podem ser sentidos por personagem e leitor: a hesitação, pela dúvida quanto à veracidade das informações, e o medo, pelos relatos fazerem parte de um universo de assombrações.

A hesitação é uma das características do fantástico e recebe destaque no livro **Introdução à literatura fantástica**, de Tzvetan Todorov. O crítico búlgaro advoga que o gênero ocupa o tempo da incerteza, de modo que personagem e leitor implícito vacilam sobre a ilusão e a veracidade da presença de seres e acontecimentos sobrenaturais. O cerne está nesse efeito de dúvida, no limiar entre crer e descrever. Logo, textos são nominados de fantásticos quando experimentam uma inquietação quanto ao conhecimento de leis naturais que entram em desacordo com fatos aparentemente sobrenaturais. Ao se escolher uma resposta para os fenômenos insólitos, deixa-se esse território para entrar em dois gêneros vizinhos: o estranho, na medida em que se procuram explicações racionais para os estranhamentos, e o maravilhoso, quando se naturaliza as assombrações e passam a creditar a elas tons de normalidade (TODOROV, 1975, p. 29-63).

Ao lado da vacilação repousa o medo, que desde a Antiguidade faz parte do sentimento do homem diante do desconhecido. No livro **História do medo no Ocidente 1300-1800**, Jean Delumeau salienta que a necessidade de segurança é algo histórico e fundamental, base da afetividade e moral humana. Insegurança é símbolo de morte e segurança é símbolo de vida. O medo é ambíguo e uma defesa essencial que alerta contra os perigos e os reflexos que permitem escapar da morte. Caso ultrapasse uma dose suportável, ele se torna patológico e cria bloqueios, podendo conduzir a comportamentos aberrantes que produzem uma incorreta apreensão da realidade (DELUMEAU, 2009, p. 23-25).

Na hesitação e no medo repousa o conto *A enforcada da mata do Chareta*. A personagem e o leitor, até certo momento narrativo, deparam-se diante das lacunas das credências de seres sinistros, que fazem parte da mata, e do medo da concretude dos fatos que não deixam de trazer dúvidas quanto à possibilidade de sua execução. Quando o sol desaparece e à noite mostra que carrega tons misteriosos, Zé Leandro vence alguns quilômetros e a floresta demonstra está em plena treva. Não há o que fazer senão seguir em frente à trilha que pode colocar em jogo a maneira como o mundo é apreendido.

O que fazer quando a solução de seguir um percurso parece ser apenas enfrentar o desconhecido e colocar a prova às crenças de visagens difundidas em uma região? Nesse lugar conhecido pelas histórias de crimes, será o ápice ou o limite testemunhar e vivenciar o terror e as assombrações? Quais as consequências da irrupção do anormal em um mundo que aparenta ser normal? Entre esses questionamentos há o inevitável discernimento de que o cotidiano, ficcional ou extratextual, pode ser receptor de eventos que provocam a transgressão das normas psíquicas e sociais.

## 2 A IRRUPÇÃO DA ABUSÃO E A TRANSGRESSÃO DA REALIDADE

Dando continuidade aos acontecimentos no conto griziano, Zé Leandro, em sua jornada noturna pela mata escura e fechada, ouve estranhos assobios e gargalhadas ecoando na floresta. Após algumas caminhadas, teme mais os crimes do lugar do que as abusões e se depara com o formigueiro onde foi enforcada uma mulher. Finalmente, no silêncio da noite, fica diante do fantasma da mata do Chareta:

De súbito, uma tocha de luz azul-amarelada pairou por sobre o sítio do formigueiro. A mata como que toda se iluminou de repente. Parou Leandro como que encandeado com aquela estranha luminosidade. Com o comboieiro pararam os cavalos mexendo com as orelhas, como antenas recebendo mensagens, e soprando forte pelas narinas dilatadas, sensíveis que são, como nenhum outro animal, às aparições fantasmais. (...) Estremeceu o aguardenteiro, agora, diante daquela coisa esquisita e associou aquela aparição aos que se contava da enforcada da mata do Chareta. A luz baixou mais sobre o sítio do formigueiro que se pôs todo à mostra com as árvores que o circundavam. Leandro estava agora parado e extático, no meio da mata, como que imobilizado sob aquela luz fantasmal. (...) Mas coisa pior o esperava. Já de pé, viu Leandro, trêmulo e estarecido, sob a luz fantasmal, pendurada pelo pescoço, numa árvore rente ao formigueiro, a enforcada da mata do Chareta. Balançando e estrebuchando na corda, cai em seguida a enforcada no chão. De olhos esbugalhados e língua de fora, dirige-se o fantasma da enforcada para Leandro, levando com ele uma onda de frio que gela o sangue do comboieiro, que, no auge do assombro e do terror, atira-se, aos gritos, mato adentro, desaparecendo, para sempre, no antro escuro e medonho da mata do Chareta (GRIZ, 1969, p. 86-87).

Esse excerto dá novos sentidos à narrativa, pois ocorre a irrupção do fantasma. Assente nesse momento, Zé Leandro e o leitor estão diante de um mundo incerto, indecifrável e que provoca uma distorção nas visões de cotidiano comumente aceito. A personagem vê-se em frente a uma presença impossível, de uma dimensão desconhecida, que ameaça todas as formas de racionalização de eventos já vivenciados. O leitor, ao longo do texto, acompanha uma narrativa em que a história narrada dialoga com o seu mundo, até aparecer o espectro e traçar uma relação conflituosa com as percepções de realidade. A construção verossímil dá lugar à transformação de um ambiente que foge as convenções e leis racionais. Dessa forma, ocorre um fracasso de todas as crenças de que o dia a dia é cercado por um universo sem ambiguidades.

A leitura contemporânea do fantástico que dialoga o texto e o contexto é discutida no livro **A ameaça do fantástico**, de David Roas. O crítico espanhol expõe que a literatura fantástica é a única que não pode existir sem a presença do sobrenatural, compreendido como aquilo que deturpa as leis do real. Em um

contraponto a Todorov, que requisita a vacilação como definidora do fantástico, Roas argumenta que quando as assombrações ou os fatos insólitos não entram em conflito com o contexto social do leitor, não se produz o gênero, cujo mundo é iluminado por uma zona em que a razão tende a fracassar. Nesse ponto de vista, é fundamental a conexão entre a história narrada e a realidade extratextual. Torna-se limitado tentar explicar os eventos estranhos do texto apenas a partir do interior da obra, pois o discurso estético está o tempo todo ligado ao discurso da construção cultural (ROAS, 2014, p. 31-58).

Roas evidencia que o mundo construído nos contos fantásticos é inicialmente normal e o leitor identifica como análogo à sua realidade. Essa ilusão, ao longo do texto vai se modificando, principalmente a partir da irrupção do sobrenatural, onde ocorre a transgressão da percepção do real. Diferente ocorre no campo do maravilhoso, lugar inventado e se interpreta tudo como possível. No fantástico, quando mais crível, maior a potencialidade do gênero objetivar seu efeito ameaçador de burlar as normas em que há duas intersecções inconciliáveis (ROAS, 2014, p. 109-130).

Ao passo que se reflete sobre as demarcações teóricas de Roas e se propõe uma investigação da narrativa de Jayme Griz, percebe-se que há delimitações do crítico espanhol que iluminam leituras do texto griziano. O realismo estético, que reaver o cotidiano da Zona da Mata Sul de Pernambuco, é essencial para que o leitor perceba o espaço ficcional relacionado ao contexto. No decorrer do conto, os lugares transitados pela personagem, como o engenho Liberdade, refletem lugares urbanos conhecidos no campo social, inclusive pelo escritor palmarense. A princípio, tudo parecia estar em acordo com a convencionalizada ideia extratextual do real, até a mata do Chareta mostrar indícios de ser uma espacialidade cercada por elementos estranhos que subvertem a percepção de realidade do leitor e reformulam as formas como a personagem ver o seu cotidiano.

O medo é o principal acompanhante de Zé Leandro nesse encontro com o espectro da mulher enforcada, pois se produzem inquietações na personagem que indicam o temor e a surpresa diante da aparição sobrenatural. O discurso fantástico tem na abusão seu clímax de pretensa desordem das normas familiares, em que surgem dificuldades em enquadrar a alma de outro mundo como algo tangível, costumeiro e frequente na vida. Definitivamente, tem-se a viabilidade de ofuscar a razão e provocar uma confusão na forma como o texto e o contexto podem ser assimilados, quando vítimas e ameaçados pelo fantástico.

Além disso, a forma como o fantasma se apresenta narrativamente reforça duas características próprias desses seres sobrenaturais: eles voltam do Além e podem ou não ter intenções maléficas para aterrorizar os vivos. As abusões, como no conto, podem nem tocar no humano, mas seu tom e presença apavorante, sua origem insólita e suas características mortificantes são determinantes para assegurar o propósito de trazer o medo e desequilibrar o modelo de organização do cotidiano. Esses componentes fantasmagóricos, que fazem parte do imaginário do homem desde a Antiguidade, devolvem a ele algo sempre temido: a incerteza.

No artigo **Ruídos no silêncio: a presença dos fantasmas na literatura brasileira**, Maurício Cesar Menon afirma que a crença nos fantasmas remete à



Antiguidade e isso está vinculado à compreensão que o homem faz da morte. Segundo o pesquisador brasileiro, os espectros possuem ligações com determinados lugares e o medo dessas criaturas está relacionado à possibilidade “de o morto retornar ao mundo dos vivos e interferir benéfica ou maleficamente sobre ele” (MENON, 2008, p. 167). Na narrativa, a aparição da enforcada alude a esse aspecto de retorno do Além que, no mesmo ambiente da morte, no formigueiro, a abusão volta para cobrar, vingar-se ou demonstrar seu desejo de uma corporeidade que não existe mais. Com isso, sua presença ou a possibilidade dela é o suficiente para fazer do imaginário coletivo um lugar propício para a fantasticidade.

Ao fim do conto, o desaparecimento de Zé Leandro é a interrogação necessária para reacender o efeito de hesitação do fantástico. O fato das personagens talvez nunca conseguirem sair da mata ou desaparecerem alcança um potencial de incerteza diante da veracidade ou da ilusão dos acontecimentos e seres sobrenaturais da região do matagal. Através desses desaparecimentos, as crendices de fantasmas na mata do Chareta aumentam e provocam, certamente, um temor quando se pensa em atravessar esse lugar cercado pelo mistério e pela história de uma mulher enforcada que apavora os passantes. Possivelmente, não há quem tenha a coragem de se encontrar com visagens que ameaçam a tranquilidade e a segurança do mundo. No entanto, não dá para saber, seja na estética ou na vida, quando um fantasma vai aparecer, pois a ocorrência insólita está no limiar de um mundo conhecido e de outro que só ela sabe de quais leis são regidas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As configurações do fantástico em **A enforcada da mata do Chareta**, presente na obra **O Cara de Fogo**, do escritor pernambucano Jayme Griz, variam desde a construção de uma atmosfera sobrenatural, no ambiente da Zona da Mata Sul de Pernambuco, até a aparição de fantasmas que provocam o medo e desestabilizam o cotidiano. Tanto o leitor quanto a personagem se inserem em uma atmosfera em que a visão de realidade, intra e extratextual, entram em confronto com as leis da razão. A conexão que a narrativa faz com o contexto social define a maneira como a ficção e o mundo empírico podem estar submetidos à debilidade do visível e a ameaça do desconhecido. Finalmente, além de oportunizar novas maneiras de analisar o fantástico em literatura, o texto griziano reformula as formas como o gênero se manifesta na estética e como as estranhezas definem o mundo ignoto e misterioso nos engenhos e matas do Nordeste.

---

## Referências

ANDRADE, Manuel Correia de. Espaço e tempo na agroindústria canavieira de Pernambuco. **Estudos Avançados**, São Paulo, vol. 15, n. 43, set/dez, p. 267-280, 2001.

CAMPRA, Rosalba. **Territorios de la ficción: lo fantástico**. Sevilla: Editorial Renacimiento, 2008.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente 1300-1800**. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FURTADO, Felipe. **A construção do fantástico na narrativa**. Lisboa: Livros Horizonte, 1980.

GRIZ, Jayme. **O Cara de Fogo**. Recife: Gráfica Companhia Editora de Pernambuco/Museu do Açúcar, 1969.

MENON, Maurício Cesar. Ruídos no silêncio: a presença dos fantasmas na literatura brasileira. **Revista Trama**, Paraná, v. 4, n. 8, Paraná, p. 167-178, jul/ago, 2008.

MORAES, Pessoa de. “Prefácio”. In: GRIZ, Jayme. **O Cara de Fogo**. Recife: Gráfica Companhia Editora de Pernambuco/Museu do Açúcar, 1969.

ROAS, David. **A ameaça do fantástico: aproximações teóricas**. Tradução de Julián Fuks. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

SILVEIRA, Calíncio. “O Cara de Fogo”. **Diário de Pernambuco**, 27 de abril de 1969.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 1975.

---

#### Para citar este artigo

---

SILVA, I. B. da. Configurações do fantástico em *A enforcada da mata do Chareta*, de Jayme Griz. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 9., n. 3., 2020, p. 210-219.

---

#### As Autoras

---

IVSON BRUNO DA SILVA é mestrando no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Pesquisador com bolsa de mestrado vigente no CNPq.

